Iman Issa

Reasonable Characters in Familiar Places

Kunsthalle Lissabon

Na primeira exposição individual de Iman Issa em Lisboa, a escrita de ficção surge como obra de arte e, apelando à faculdade da imaginação, projecta-se sobre as imagens.

por José Marmeleira

Reasonable Characters in Familiar Places, da artista egípcia Iman Issa (Cairo, 1979) não pretende oferecer-se como um jogo de advinhas ou como cenário de um puzzle no qual o espectador deve buscar a peça que falta. Assume a elipse, o fragmento, debate-se com o amortecimento que é a produção de toda a obra de arte. Disposta no espaço da Kunsthalle Lissabon, em dois momentos – a instalação Thirty-three stories about Reasonable Characters in Familiar Places (2011) e a peça sonora The Revolutionary (2010), esta exposição recupera, com energia e melancolia, uma das ideias que Hannah Arendt nos deixou em A Condição Humana (1958): a de que o processo de construção (ou fabricação) de toda a obra artística – processo que se conclui na materialização, na reificação – ocorre sempre a um preço e esse preço é a própria vida. Ou seja, escreve a filósofa alemã, "é sempre na 'letra morta' que o 'espírito vivo' deve sobreviver". Podemos, assim, deduzir que as imagens, os textos e os objectos que Iman Issa nos dá a ver e a ler "transcendem e transferem para o mundo algo de muito intenso e veemente que estava aprisionado no ser": recordações, experiências de lugares e situações, imagens mentais.

É muito curioso que a instalação comece no livro homónimo. Reproduzido em vários exemplares sobre uma mesa, pode ser folheado e lido pelo espectador enquanto peça que se projecta sobre as restantes (há um elo, um parentesco entre o livro, os vídeos, as fotografias, o desenho, a escultura) e enquanto obra autónoma. Sem se assumir como escritora, a artista escreveu uma série de curtíssimas crónicas do quotidiano, destituídas de títulos, de personagens nomeadas e de palavras que identifiquem um território geográfico. Alguns dos conteúdos das situações narradas permitem, contudo, conceber tópicos mais ou menos recorrentes: a memória, as relações entre as pessoas, a evanescência da vida, os pequenos hábitos, a relação com o espaço circundante. A obra de arte surge expandida também pela escrita de ficção.

Mas Iman Issa esteve, desde o primeiro instante, consciente da discrepância existente entre o trabalho da escrita e as imagens mentais que o inspiraram. Produziu-se um corte ou uma falha nesse processo (de amortecimento) que a produção das outras peças veio, se não consolar, pelo menos problematizar. É como se, frustrada pela reificação (na letra-morta), a artista avançasse para outro gesto: acrescentar ao livro outros objectos e outras imagens. Sob o título de Epílogo, elas dispersam o espectador na direcção de referências indeterminadas, aleatórias, desconcertantes. Num vídeo, uma mulher vira-se lentamente antes de nos olhar com um sorriso franco, num monitor sucedem-se imagens a preto e branco do que parece ser uma cidade do Médio Oriente ou do Norte de África. Há dois desenhos de poesia visual, uma escultura abstracta de madeira, a imagem fotográfica de um calendário desbotado. Não são ilustrações, não representam nada do que possa ser lido no livro. Marcam a sua presença, aparecem.

Diante destas imagens, o espectador tentará equilibrar-se, encontrar um ponto de vista para realizar a sua aproximação. Pode imaginar a presença da biografia da artista no interior das narrativas da arte, de um país ou, porventura, de um povo e da sua diáspora que ali são evocadas. Pode estabelecer relações entre a memória da sua leitura do livro e o que encontra em Epílogo. Ou no

interior desta, entre a imagem do rosto que nos saúda e as fotografias da cidade. Ou entre as formas que as várias lâmpadas criam e apagam num monitor e a "colecção" de recortes fotográficos provavelmente recolhidas em viagens e residências. Mas, pese embora estas ligações, que afirmam uma intenção em comunicar o que escapou ou simplesmente transcende a escrita, as obras de Epílogo redundam numa fragilidade, numa incompletude. E são tão irredutíveis ao texto com este às imagens. Nem as legendas que formam Index (a outra peça da instalação) explicam a origem das imagens e da escultura. Apenas uma fina e ténue linha une o livro a Epílogo e a Index: a da imaginação. Com esta faculdade, o espectador colocar-se-á no lugar de Iman Issa, interrogando-se sobre a sua própria memória, as narrativas em que se inscreve ou em que participa, as histórias que conta ou ouve. Também da exposição faz parte a peça sonora The Revolutionary (2010). Escrita pela artista, descreve-nos um homem com vários atributos e características, virtudes e qualidades; informa-nos, levemente, da vida, das suas relações, da sua educação. O narrador, lacónico, não profere as palavras "revolucionário" "ou revolução", apenas termos que tendemos a associar aos seus significados: "política", "romântico" ou "causas". E a personagem (nunca nomeada) é descrita como um pai de família, um irmão, um leitor, um homem que gostava de mulheres, um homem normal, um estudante, um homem curioso e sossegado, um homem falador. São todas estas peles (vidas interiores), que julgaríamos opostas ou contraditórias, que o discurso (o testemunho) vai desenrolando. O "revolucionário" integra em si vários homens, alguns dos quais, a história não reconhece ou tende a esquecer, soterrando-os sob imagens ou interpretações oficiais. São esses homens que a artista vem lembrar e fazer aparecer como imagens mentais.

http://sub.contemporanea.pt/FEVEREIRO2016/26/